

LA VERDADERA HISTORIA Y ADMIRABLE SUCESO
DEL SEGUNDO CERCO DE DIU,
ESTANDO DON JUAN MAZCARENHAS POR CAPITÁN Y
GOBERNADOR DE LA FORTALEZA.

COMPUESTO POR JERÓNIMO CORTE REAL Y
DIRIGIDO AL REY DON SEBASTIÁN, PRIMERO DE ESTE NOMBRE.
TRADUCIDO EN LENGUA CASTELLANA POR FRAY PEDRO
DE PADILLA, CARMELITA. DIRIGIDO
A DON CARLOS DE ÁLAVA.

Estudios de
Hélio J. S. Alves
Marsha Swislocki
Lara Vilà

Edición de
José J. Labrador Herraiz
Ralph A. DiFranco

FRENTE DE AFIRMACIÓN HISPANISTA, A. C.
MÉXICO, 2011

TRADUZIR UM POEMA PORTUGUÊS
PARA O CASTELHANO NO SÉCULO XVI:
O *SEGUNDO CERCO DE DIU* DE JERÓNIMO CORTE-REAL
E A TRADUÇÃO DE PEDRO DE PADILLA

Hélio J. S. Alves
Universidade de Évora

Alguns espanhóis do século XVI empenharam-se em traduzir para o castelhano textos em língua portuguesa. A maioria fê-lo por motivos não artísticos. Interessavam ao público espanhol obras fundamentais de historiografia da expansão lusa no Oriente e modelos de literatura moral e religiosa. Interessavam-lhe tanto, que as traduções imprimiam-se pouco tempo passado depois das publicações dos originais. A tradução em vernáculo castelhano do Livro Primeiro da *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda, foi impressa em Antuérpia em 1554, apenas três anos depois do original. A primeira edição portuguesa (parcial ainda) da *Imagem da Vida Cristã* de Fr. Heitor Pinto é de 1563, mas em 1571, 1572 e 1573 apareceram logo várias edições, em Saragoça, Madrid, Barcelona e Medina del Campo, em tradução castelhana. A estas duas obras fundamentais do Renascimento português juntaram-se outras, traduzidas pelo interesse histórico, político, moral e religioso supranacional que detinham.

Mas também houve traduções de obras-mestras portuguesas por motivos mais obviamente artísticos. Deve ter sido esse o caso do romance de cavalarias *Palmeirim de Inglaterra*, elogiado por Cervantes no *Quixote* (Parte I, capítulo 6), cuja primeira edição castelhana é de 1546-7. Devoção por obras portuguesas de poesia e de teatro é o que se encontra em textos de Alonso Nuñez de Reinoso, que traduziu a partir de éclogas de Bernardim Ribeiro em edição própria de 1552, e numa tragédia de Jerónimo Bermúdez, tradução da *Castro* de António Ferreira publicada em 1577. Em nenhum destes casos, porém, os tradutores referiam o autor dos originais, nem reconheciam sequer que traduziam. Talvez porque a proximidade das línguas redundasse em desprestígio para o tradutor espanhol? Seja como for, tratava-se sem dúvida de traduções feitas por motivos essencialmente pessoais e admirativos.

*